

## Índice

A solidariedade europeia quebra não apenas pelo Leste.....	1
Os primeiros nascidos com manipulação genética, e os que não chegaram a nascer .....	2
Xabec: um decisivo impulso à formação profissional .....	3
“O Primeiro Homem na Lua” .....	4

### A solidariedade europeia quebra não apenas pelo Leste

Na UE, os países do Grupo de Visegrado (Polónia, Hungria, República Checa e Eslováquia) foram chamados de não solidários por se oporem ao sistema de quotas na distribuição de refugiados. Mas se a falta de solidariedade consiste em colocar os interesses nacionais acima dos da União, haveria que meter no mesmo saco os países que bloqueiam a “taxa Google” e os que continuam a travar a mobilidade na zona Schengen com controlos fronteiriços. E estes não solidários não se encontram só no Leste.

No Leste, Polónia e Hungria são hoje as ovelhas negras que saem do redil de Bruxelas. O facto de os eleitores terem levado ao poder partidos conservadores nacionalistas, que erguem a bandeira dos valores nacionais, irrita as instâncias europeias. Mas, relativamente à política de migração, não dá a impressão de que a maioria dos outros países comunitários esteja disposta a partilhar a carga do acolhimento de refugiados.

Dos 1,4 milhões de migrantes chegados às costas mediterrânicas no pico da crise de 2015 e 2016, a Comissão Europeia tomou a decisão de distribuir 160 000 entre os diversos países. Mas até essa medida modesta fracassou. A Polónia e a Hungria recusaram participar no plano, que teria implicado a integração de imigrantes muçulmanos estranhos à cultura nacional. Os outros tão-pouco fizeram grande coisa. Ao [expirar o programa](#) em setembro de 2017, foi constatado que, ao fim de dois anos, haviam sido distribuídos 29 000 refugiados

(20 000 na Grécia e 9000 na Itália). Mesmo os que mais apoiaram a medida (Alemanha, França, Holanda e Portugal) ficaram muito longe dos objetivos.

Mas o mais significativo é que a luta contra a imigração irregular acabou por conduzir ao regresso do estabelecimento de controlos fronteiriços entre países europeus, o que mina a livre circulação de pessoas dentro da zona Schengen. Estes controlos, estabelecidos de modo provisório em 2015 devido à crise dos refugiados, têm vindo a perpetuar-se. Na Alemanha, Áustria, Dinamarca, Noruega e Suécia, os controlos expiravam no passado dia 11 de novembro, mas os seus governos já comunicaram que os irão manter pelo menos por outros seis meses.

A ameaça jihadista e a desconfiança no controlo dos países da periferia que devem velar pelo filtro nas fronteiras explicam esta atitude. Os países do centro da União Europeia queixam-se do aumento da documentação falsa que passa despercebida, da falta de controlo para evitar que os migrantes entrados irregularmente num país passem a outro, do fracasso na altura de devolver estes imigrantes para o país por onde entraram... Daí os países do interior preferirem estabelecer controlos para detetar e devolver imigrantes irregulares. Por exemplo, na fronteira entre Espanha e França, a polícia francesa [devolve a Espanha](#) mais de 1000 destes imigrantes todos os meses.

Jean-Claude Juncker, presidente da Comissão Europeia, advertiu que a manutenção destes controlos fronteiriços é “um passo atrás” numa das grandes conquistas da integração na UE. Mas a preocupação pela segurança e o desejo de controlar quem entra no país estão a impor-se sobre o espírito da Europa sem fronteiras. Parece que o tema migratório não

inquieta apenas Theresa May e os defensores do Brexit. E especialmente num momento em que o controlo da imigração se converteu num argumento eleitoral chave em cada vez mais países, desde a Alemanha à Itália.

Por seu turno, os países do Sul (sobretudo Espanha, Itália, Grécia) queixam-se também da falta de uma política comum europeia sobre imigração, que permita repartir o acolhimento dos refugiados, tarefa que agora recai especialmente sobre eles.

A solidariedade europeia encontra-se também em jogo no estabelecimento da chamada “taxa Google”, com a qual a Comissão Europeia pretende combater práticas fiscais pelas quais os gigantes tecnológicos pagam menos impostos do que as empresas tradicionais. Atualmente, empresas como Google, Facebook, Amazon e Apple, pagam menos impostos do que outras sociedades porque, embora vendam em diversos países europeus, declaram os seus respetivos lucros [onde mais lhes convém](#). Aproveitam-se assim do facto da fiscalidade estar implementada em função da presença física, enquanto a sua atividade é própria de uma economia digital, a qual permite obter lucros com os serviços digitais num determinado país sem estar fisicamente presente. Acontece assim uma desconexão entre onde se cria valor e onde são pagos os impostos.

Segundo os cálculos da Comissão Europeia, estas empresas de Internet pagam somente cerca de 9 % dos seus lucros, enquanto a média do imposto sobre os lucros das empresas na Europa está nos 23 %.

De modo a corrigir este desequilíbrio, [a Comissão Europeia propôs](#) cobrar uma taxa de 3 % sobre o volume de vendas das empresas de Internet por três tipos de serviços: a publicidade *online*, a venda de dados dos utentes e a intermediação das plataformas que interligam os utentes para que estes possam estabelecer negócios entre eles.

A taxa teria de ser paga nos Estados onde estão localizados os utentes, ao contrário da situação atual. E só abrangeria empresas com uma faturação superior a 750 milhões de euros no plano mundial e 50 milhões no plano europeu, o que deixa de fora *startups* com dimensão mais pequena. A Comissão Europeia calcula que a nova taxa poderia abarcar de 120 a 150 empresas – metade das quais seriam norte-americanas – e proporcionar receitas fiscais de 5000 milhões de euros por ano.

Os cinco grandes países da UE (Alemanha, França, Reino Unido, Itália e Espanha) apoiaram a proposta. O eixo franco-alemão funcionou, e Merkel estabeleceu um acordo com Macron para alcançar esse objetivo da “taxa Google” antes do fim deste ano. Mas os Vinte e Oito países atuais da UE estão ainda longe de conseguir a unanimidade necessária.

Os países que atraíram grandes empresas norte-americanas de Internet com a sua baixa fiscalidade – como a Irlanda, onde pagam impostos muitas multinacionais, ou o Luxemburgo –,

consideram que se reduziria a sua vantagem comparativa, pois a nova taxa seria paga em cada Estado onde essas empresas tivessem atividade.

Mas não são estes os únicos a oporem-se. A Suécia, que conta com um polvo tecnológico como o Spotify, manifesta as suas reservas à nova taxa, tal como Dinamarca e Malta.

Como alternativa, propõem alcançar um acordo sobre uma taxa global no seio da OCDE. Mas isto exigira mais tempo e implicaria alcançar um acordo com mais países. De momento, parece que a Alemanha vacila. Receia que um imposto que afetaria especialmente multinacionais tecnológicas norte-americanas pudesse provocar represálias por parte da Administração Trump. Um documento confidencial do Ministério das Finanças alemão, citado pelo diário “Bild”, condenava a “demonização das grandes empresas de Internet”, o que para o ministério parecia “pouco eficaz”. Tudo isto leva a que se pergunte se Merkel estará realmente decidida a apoiar a “taxa Google”.

Tanto a política migratória como a “taxa Google” põem em relevo os limites da solidariedade europeia. Se a Polónia e a Hungria apelam aos valores nacionais para rejeitar imposições de Bruxelas, outros países da UE resistem a apoiar iniciativas que implicariam repartir com os restantes, lucros que foram gerados fora das suas fronteiras.

I. A.

## Os primeiros nascidos com manipulação genética, e os que não chegaram a nascer

He Jiankui, professor associado da Universidade Científica e Tecnológica de Shenzhen (China), assombrou e indignou o mundo ao anunciar, no passado dia 26 de novembro, que havia conseguido o nascimento de duas bebés manipuladas geneticamente. As críticas não vieram somente de outros cientistas; também se juntaram à sua Universidade, a clínica de reprodução assistida onde se realizou a fecundação artificial e até as autoridades chinesas, conhecidas pela sua permissividade em bioética.

As censuras a He são múltiplas. Trabalhou em segredo, sem supervisão. Obteve o consentimento dos participantes de um modo considerado duvidoso, inclusivamente com a sua própria intervenção. Não possibilitou a comprovação independente dos resultados, embora tenha anunciado para mais à frente um artigo revisto. Num dos embriões implantados detetou uma possível modificação acidental de outro gene, mas

seguiu em frente; ele responde que depois não se voltou a observar a falha.

Juntamente com essas, há duas objeções fundamentais. Primeira, o procedimento não responde a uma necessidade terapêutica. Segunda, He levou a cabo uma manipulação genética na linha germinativa, contra a [moratória](#) aceite no Ocidente mas não na China. Ao contrário das modificações em adultos, as feitas em gâmetas ou em embriões afetam qualquer organismo e são transmissíveis à descendência. Isto pode ser muito perigoso, porque não se sabe que consequências podem ter nem quando se manifestariam.

As bebés nascidas são de um pai infetado pelo vírus da SIDA (VIH) e de uma mãe saudável. Utilizou óvulos dela e esperma dele, e obteve embriões através da fecundação *in vitro*. A seguir, aplicou a técnica CRISPR (acrónimo de clustered regularly interspaced short palindromic repeats) para desativar o gene CCR5, que expressa uma proteína da membrana celular que é a principal porta de entrada do VIH. As pessoas que carecem dela são imunes ao vírus se tiverem a mutação nos dois cromossomas do par 3, ou são infetadas com maior dificuldade se o tiverem num só deles.

Depois, os embriões foram implantados no útero da mãe. Após a gestação, no mês de novembro, nasceram duas gémeas. Uma delas tem o gene modificado nos dois cromossomas, e a outra, num único deles. Trata-se das únicas sobreviventes de 13 embriões manipulados e implantados em 5 mulheres.

He explicou porque escolheu o gene CCR5. Teria sido mais benéfico, reconhece, reparar a causa de um transtorno congénito grave como a distrofia muscular. Mas é muito mais difícil, e não existe a segurança de que a intervenção seria eficaz e não provocaria outros males. Em vez disso, é relativamente simples manipular o gene CCR5 e antes de fazê-lo, He – segundo diz – fez um estudo de três anos para comprovar que, ao modificá-lo, não seriam desencadeados efeitos secundários prejudiciais.

Certamente, neste caso, a objeção por consequências imprevisíveis não é tão grande. Ao fim e ao cabo, He colocou nos embriões uma mutação possuída de forma natural por 14,5 % da população europeia. Se a manipulação não afetou outras partes do genoma ou os embriões de outro modo, não há nada a recear.

Contudo, como salientaram muitos críticos de He, a sua intervenção não tem justificação terapêutica. Se uma pessoa infetada com o VIH seguir o tratamento adequado, a probabilidade de que venha a transmitir o VIH ao seu parceiro é praticamente nula. Daí não haver motivo para recorrer à fecundação *in vitro*, e mesmo se a mãe estivesse infetada, hoje sabe-se também como evitar a transmissão ao filho. Portanto, não era necessária a manipulação genética para libertar as bebés da SIDA, nem elas tinham qualquer deficiência hereditária que fosse suscetível de remediar. Tudo o que se conseguiu é protegê-las (parcialmente, a uma delas)

contra uma eventual infeção de VIH nalgum momento da sua vida, algo que sempre se pode evitar de outros modos.

Na realidade, He não conseguiu uma proeza médica, nem tão-pouco propriamente uma proeza técnica, pois outros antes dele [aplicaram a técnica CRISPR a embriões](#). A diferença é que os outros não pretendiam qualquer nascimento, e destruíram os embriões depois de fazerem as experiências com eles. Assim, para muitos, o reprovável no caso de He não é que tenha manipulado geneticamente embriões, mas que os tenha implantado. Poucos reparam no elevado custo em vidas humanas incipientes que têm estas experiências, talvez porque esse custo seja pago continuamente, sem manipulação genética, nas clínicas de reprodução assistida.

R. S.

## Xabec: um decisivo impulso à formação profissional

Sobre o bairro valenciano de Orriols [não costumam ser publicadas boas notícias](#). Ultimamente, no entanto, um centro educativo concertado, Xabec, está a fazer com que o prisma mude e que o nome do bairro apareça na imprensa por bons motivos: a instituição recebeu dois prémios relevantes pelo trabalho que realiza nesse meio e pela sua capacidade de inovação em Formação Profissional Dual.

A Comissão Europeia [distinguiu](#) o Xabec entre 3000 centros da UE, e [o mesmo fez em junho último](#) a Alianza para la FP Dual, uma modalidade onde se situa na vanguarda. Promovido por membros do Opus Dei, o centro valenciano formou mais de 8000 pessoas – das quais, 2200 em formação regulamentada –, e oferece valiosas oportunidades aos mais desfavorecidos da cidade, entre os quais se incluem jovens imigrantes da África do Norte, de países ao sul do Sara e latino-americanos.

Os estudantes têm ali acesso a uma formação de nível médio em matérias como manutenção eletromecânica, manutenção de material circulante ferroviário, instalações frigoríficas e de climatização, e instalações de produção de calor. Num nível superior, entretanto, contam com as especialidades de manutenção de instalações térmicas e fluidos, e mecatrónica industrial.

Enquanto os jovens aprendem, estão em ligação constante com o mundo do trabalho, pelo que não é de estranhar que, mal obtêm o diploma, têm os empresários já a esperá-los à porta.

Um artigo recente do ["El País"](#) (19.11.2018) ilustrava a situação da formação profissional em Espanha com alguns números e um exemplo muito significativo: segundo refere Juan Carlos Tejada, diretor de Formação da CEOE (Confederación Española de Organizaciones Empresariales), "a indústria no País Basco está a procurar trabalhadores fora de Espanha. Com as disponibilidades atuais de formação profissional não se consegue satisfazer a procura em setores de ponta como a indústria 4.0". Isto, dito num contexto em que o índice de desemprego continua acima de dois dígitos, parece uma piada cruel.

O diário cita dados de vários estudos, e sublinha que a Espanha tem 12 % de escolaridade em formação profissional de nível médio, bastante abaixo dos 26 % do conjunto dos países que integram a OCDE. Houve alguns avanços, como um aumento das matrículas em 71 %, comparando com uma década atrás, mas para estar a par dos países mais avançados na Europa seria necessário criar 150 000 novas vagas. E, neste aspeto, "a falta de empurrão por parte das Administrações constitui um lastro", afirma a articulista.

O Xabec, ao adotar a formação profissional dual, poupa aos empresários valencianos as dores de cabeça dos seus pares bascos. O seu programa combina a formação que é dada em aula com os estágios nas empresas, e estas, por seu turno, envolvem-se na configuração do currículo educativo, de modo a favorecer a inserção laboral do estudante uma vez terminada a sua preparação.

Sobre as vantagens deste modelo, Antonio Mir, diretor do centro, explica à Aceprensa que a empresa "ganha em competitividade, porque incorpora uma mão de obra já formada e que conhece os processos industriais. Os prejuízos e o desgaste que implica para qualquer empresa a contratação de pessoas erradas, desaparecem".

Igualmente, o contratante estabelece um mecanismo para substituir de modo adequado trabalhadores de elevado rendimento e qualidade, e em relação ao estudante, este aprende o ofício de modo prático, "o que reduz em muito o insucesso escolar: temos somente 3 % neste indicador, muito abaixo da média na nossa Comunidade Autónoma (Comunidad Valenciana)".

A ligação entre as aulas e o posto de trabalho torna-se possível, no caso do Xabec, através do Foro de Desarrollo Profesional, "uma entidade", afirma Mir, "que agrupa todas as empresas que, de um modo ou de outro, se relacionam conosco. Paralelamente, temos no centro um escritório de emprego, oficialmente reconhecido pelo Departamento (Consellería) de Empleo [autonómico]".

Conforme explica, através do mencionado escritório, mais de 90 % dos estudantes conseguem um trabalho ao terminar a sua formação. "No Foro, vamos recebendo informação sobre os processos das empresas, sobre a sua situação relativamente à mão de obra de que necessitariam, e isso cria um fluxo que nos permite oferecer-lhes o pessoal indicado".

Com tão bons números, o apoio de uma Administração autonómica "progressista" deveria ser um pressuposto. Ao fim e ao cabo, a instituição educativa tem 25 % de estudantes de origem imigrante e 90 % do seu corpo de alunos vem de lares com baixos recursos económicos. Mas a esquerda local não apoia as iniciativas para pessoas desfavorecidas feitas por aqueles que não pensam como ela.

"O Xabec sempre colaborou com a administração educativa", refere Mir. "Para a lei de formação profissional dual, pediram-nos a nossa opinião e participámos de modo muito ativo. Mas, recentemente, retiraram-nos vários acordos de concertação e não entendemos os motivos, pois existe clara procura dessa mão de obra qualificada".

"Agora, as empresas estão a pedir algumas especialidades e não existem ofertas. Só um centro público na cidade oferece as que nos tiraram de nível superior, pelo que há jovens que ficaram sem estudar.

L. L.

## "O Primeiro Homem na Lua"

"First Man"

Realizador: Damian Chazelle  
Atores: Ryan Gosling; Claire Foy  
Duração: 140 min.  
Ano: 2018

No dia 20 de julho de 1969, o astronauta Neil Armstrong torna-se no primeiro homem a pisar a Lua. Este filme foca-se no retrato intimista da sua personalidade, não se preocupando em descrever com pormenor a missão da NASA Apolo 11. Alguns aspetos da vida pessoal de Armstrong é que são o centro da narrativa.

Na vida das pessoas, a motivação é o principal motor das suas ações. Há muitas atitudes e decisões que só se compreendem depois de se saber "o porquê" e o motivo por detrás de determinada atuação. Neil Armstrong aparece-nos como um piloto experiente, conhecedor do seu ofício mas, acima de tudo, como alguém que controla as suas emoções, um homem cerebral. A morte da sua filha ainda pequena tem um forte impacto na sua vida, mas não deixa que isso transpareça. Cumpre o seu dever com a recordação da filha sempre presente e isso dá-lhe força para seguir em frente. A morte para ele não é uma realidade abstrata, mas muito viva, que enfrenta com firmeza.

As relações familiares parecem frias, mas por detrás de cada gesto, há um significado. A sua mulher intervém quando necessário, o que o fortalece na debilidade. Segue os conselhos dela cumprindo aí também o seu dever. E o resto é História...

#### Tópicos de análise:

1. A motivação e não a pura emoção é quem guia a ação.
2. Com um objetivo bem definido, é mais fácil traçar a estratégia.
3. Para a realização pessoal, trabalho e família vão unidos.

#### [Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins  
Professor da AESE

